

6 lon. Brasil Governo tem de acreditar na sua política

O liberalismo econômico é uma aprendizagem difícil para os empresários, bem como para o governo que o promova sem ter permanentemente a capacidade de respaldá-lo. Tal assertiva ganha nitidez quando se verifica que os homens de empresa nem sempre se apercebem de que a economia indexada acabou e a elevação do preço do petróleo não pode servir de pretexto a outros aumentos na mesma proporção. Lamenta-se igualmente que o governo diante da persistência da onda altista recorra a ameaças de prisões e a majorações de impostos como se estivéssemos ainda no tempo da ditadura, em que se combatia o aumento dos preços da carne confiscando o gado nas pastagens. Cumpre aos empresários correr o risco da sua ganância e ao governo mostrar que acredita realmente na sua política econômica.

Numa economia de livre mercado, é preciso que o governo permita a flutuação dos preços e esses venham a encontrar seu ponto de equilíbrio no jogo da oferta e da procura. Cabe-lhe apenas verificar se o mercado é realmente livre, isto é, se não existem situações monopolísticas ou oligopolísticas que possam fortalecer anormalmente o fornecedor da mercadoria ou se as empresas produtoras cons-

tuem entre si cartéis que impeçam a livre formação dos preços. Convém lembrar que possuímos legislação adequada para reprimir tais abusos: ao governo cumpre apenas aplicá-la. Por outro lado, graças à política de abertura ao Exterior, o governo Collor estabeleceu condições para que as empresas ineficientes possam sentir a concorrência estrangeira, ficando assim forçadas ou a melhorar sua produtividade ou a desistir dos negócios. Já se nota, aliás, que diante das facilidades de importação (que lamentamos sejam realizadas a uma taxa cambial sobrevalorizada), as empresas produtoras brasileiras têm sido compelidas a reduzir suas margens de lucro.

Pode-se estranhar que o governo diante da alta de alguns produtos fale em tributar os lucros provenientes da especulação com estoques de matérias-primas e ameace prender empresários que cobrem preços abusivos. Os lucros especulativos aparecem normalmente nos balanços das empresas: incumbe à Receita Federal empreender boa fiscalização para verificar se as contas apresentadas correspondem à realidade sem procurar decidir se houve ou não formação de estoques visando à especulação, o que diante das taxas de juros atuais

OUT 1990

parece difícil. Com efeito, quando as taxas de juros superam a taxa de inflação — e em muito — as empresas que formam estoques correm sérios riscos. No máximo se pode pensar que tais estoques, se existem, são de produtos importados em razão da taxa cambial irrealista.

Na realidade, salvo abusos que a legislação permite combater sem medidas extraordinárias, deve o governo ter paciência e acreditar na eficácia de sua política econômica. Sem dúvida não se conseguiu até agora erradicar da mentalidade dos agentes econômicos o sistema de indexação. Acredita-se porém que a atual política econômica brasileira, hoje considerada em todo o mundo altamente corajosa, deve dar frutos. Apenas temos de nos convencer de que isso exige certo prazo para surtir efeitos.

Logo se verificará que as margens de lucro das empresas, na maioria dos casos, estão diminuindo e elas não mais poderão atender a pedidos de reajustes salariais descabidos, conforme já vem ocorrendo com algumas categorias. Não se pode esquecer que durante anos a fonte de inflação tem sido o déficit público — hoje sob controle, já não se justificando a alta de preços. Eliminou-se assim grande fator de inflação. Tal esforço não se-

ria suficiente se paralelamente não tivesse o governo seguido uma política muito séria de contenção monetária. Entretanto, os efeitos de uma política monetária são demorados, especialmente num país em que os preços sempre foram fixados pela inflação futura. Nas últimas semanas, as expectativas inflacionistas foram reforçadas pela alta do preço do petróleo. Mas se o governo, de um lado, fixar o preço dos combustíveis em seu custo real (que deveria incluir também uma taxa cambial real) e se o aperto monetário continuar, pode ter-se a certeza de uma queda como consequência da redução da demanda interna. A cada dia, a política de abertura aos mercados externos se fortalece, o que permite pensar que a pressão dos bens importados aumentará com a montagem de comércio importador mais sofisticado.

O governo tem de acreditar nas virtudes da sua política. Ao optar por ameaças — que aliás não surtem efeitos — as autoridades fazendárias apenas mostram sua fraqueza e fortalecem a posição dos que pensam que fora do congelamento não há salvação. Essa a grande arma de que se valem alguns economistas para acabar com a política econômica atual e acamar o malogro do Plano Collor.